
O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA E AS POSSIBILIDADES DE LETRAMENTO SOCIAL A PARTIR DO GÊNERO TEXTUAL CARTAZ

Francisco Renato Lima¹ (UFPI)
fcorenatolima@hotmail.com

Vanessa Raquel Soares Borges² (UFPI)
vanlock18@hotmail.com

RESUMO: O ensino de língua portuguesa no Brasil ainda é marcado por traços do tradicionalismo e da hierarquia verticalizada entre quem ensina: o professor; e quem aprende: o aluno, imperando desta forma, o caráter normativo e a obscuridade no processo de ensino e aprendizagem, não oferecendo clareza ou possibilidades para que o aluno aprenda de modo a responder, com eficiência, as demandas sociais de domínio e expressão da língua em situações de interação social, o letramento. Neste sentido, este estudo objetiva analisar a utilização do gênero textual cartaz no ensino de língua materna como forma de dinamizar o processo de ensino e aprendizagem, promovendo assim, o letramento social do cidadão. Metodologicamente, consiste de uma revisão bibliográfica de literatura de caráter qualitativo na análise dos dados, os quais se constituem de um *corpus* de 5 cartazes, sobre os quais serão tecidas as possíveis interpretações, com base nas leituras de Bakhtin (2011), Bazerman (2007/2011), Coscarelli (2007), Dolz; Schneuwly (2004), Kleiman (2001/2005), Marcuschi (2010), Soares (2011), Street (2003a/2003b/2014), e outros, bem como os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa (2000). Considera-se que os gêneros textuais se constroem pela interação social entre os indivíduos e que através de suas formas “mais flexíveis, plásticas e criativas” (BAKHTIN, 2011, p. 282), do que outras formas da língua, funcionam como eixos norteadores da aprendizagem escolar, possibilitando também o letramento social do cidadão. Deste modo, a utilização de cartazes no ensino da língua apresenta-se como uma proposta de mobilizar os conhecimentos de mundo, os saberes vivenciais orais e escritos que compõem o repertório linguístico do aluno, levando-o a assumir uma posição crítica e desencadeadora de mudança no meio social em que vive, assumindo-se, portanto, como sujeito letrado, em sentido escolarizado e ideológico, pela forma como ler criticamente o mundo.

Palavras chave: Ensino e Letramento. Gêneros textuais. Cartaz.

1 Introdução

“Embora palavras escritas movam mentes, mentes movem pessoas e pessoas se movem nos mundos social e material [nos] quais o letramento toma sua forma singular”.

¹ Pedagogo (FSA/2012). Especialista em Neuropsicopedagogia Clínica e Educação Especial (IESM). Especialista em Docência para o Ensino Superior (IESM). Mestrando em Letras – Estudos da Linguagem (UFPI).

² Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Especialista em Linguística e Ensino (UESPI). Mestranda em Letras – Estudos da Linguagem (UFPI).

(Charles Bazerman)

As preocupações em torno do ensino da língua portuguesa disputam espaços nos estudos das diversas abordagens das teorias linguísticas, considerando-se a necessidade de um ensino crítico que promova o aluno nas diferentes modalidades de uso e reflexão sobre a língua materna. Esse desafio pressupõe o reconhecimento de variadas estratégias para a mediação desse conhecimento em sala de aula, como por exemplo, a utilização de gêneros textuais como ferramentas de trabalho pedagógico que possibilite trabalhar com o aluno na perspectiva do letramento, reconhecendo os múltiplos usos e formas de interação humana com a língua na sociedade, conforme alude Bazerman (2007), na epígrafe deste texto.

Nesta dimensão, considera-se que o letramento social do aluno deve ser o objetivo principal do ensino escolar da língua materna, uma vez que a condição de letrado implica a leitura crítica de diferentes formas de escrita às quais está veiculado ao cotidiano. As formas de veiculação dessa escrita dão-se prioritariamente por meio de gêneros textuais, os quais apresentam características próprias e valorativas de uso específico da escrita, uma vez considerado sua forma e conteúdo, principalmente este último, em que trazem um propósito comunicativo e uma mensagem de sentido e significado para o contexto no qual está inserido e os sujeitos leitores.

A realidade educacional brasileira no que diz respeito ao ensino da língua materna ainda é marcada por traços de um ensino tradicional, normativo e hierarquizador, que não oferece clareza ou possibilidades para o aluno responder com eficiência as demandas sociais de domínio e expressão da língua e aos múltiplos letramentos que fazem parte de seu cotidiano. Assim, torna-se urgente uma reflexão: é preciso repensar o papel da escola, do professor e seu ensino, redimensionando o pensar e o fazer de sala de aula, através de procedimentos didático-metodológicos mais diferenciados e individualizados, que priorizem uma formação versada pela aliança teoria e prática, promovendo um aprendizado eficiente e crítico-reflexivo da língua em suas diversas modalidades de uso.

Dessa forma, neste estudo objetiva-se analisar a utilização do gênero textual cartaz no ensino de língua materna como forma de dinamizar o processo de ensino e aprendizagem, promovendo, assim, o letramento social do cidadão. Para tanto, parte-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo na análise dos dados, que se constituem de um *corpus* de

5 cartazes, interpretados a luz das leituras de Bakhtin (2011), Bazerman (2007/2011), Coscarelli (2007), Dolz; Schneuwly (2004), Kleiman (2001/2005), Marcuschi (2005), Soares (2011), Street (2003a/2003b/2014), e outros; os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa (PCN -2000), entre outros, que aclarem o caminho da pesquisa acerca de um ensino para o letramento social do aluno, a partir da utilização do gênero textual cartaz.

2 Ensino da Língua Materna e Perspectivas de Trabalho Pedagógico com Gêneros Textuais

O trabalho educativo a partir da utilização de gêneros textuais faz parte de uma perspectiva de desenvolvimento da competência do educando e das práticas desempenhadas pelo professor, além de ser inevitável o uso de materiais que auxiliem a efetivação do processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, os gêneros textuais possibilitam ao ensino de língua a adoção de uma proposta a qual obedece didaticamente a uma sequência, segundo (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004) capaz de promover mudanças na atitude dos alunos, favorecendo a aprendizagem.

Na educação básica, de um modo geral, o ensino é moldado pela concepção restrita de letramento, estando esse associado apenas à alfabetização, o que revela, muitas vezes, a ineficácia da metodologia aplicada pelo professor na escola. Nessa abordagem, o aluno é instigado a desenvolver a competência leitora, mas esta nem sempre está acompanhada da capacidade de reconhecimento do e sobre o mundo, fragilizando, assim, a criticidade. Ademais, é através da leitura proficiente com base na apreensão de características e conteúdos dos mais diversos gêneros textuais que o educando é capaz de construir sua cosmovisão, fazer inferências, elaborar hipóteses, refletir sobre os assuntos que permeiam a sociedade, a partir de pistas que estão na superfície das palavras, ou mesmo implícitas, tudo isso para que não se prendam apenas às informações visuais e a decodificação do texto, como afirmam Kleiman (2013) e Kato (1995).

Assim, os gêneros textuais são essenciais por estabilizarem as atividades comunicativas do cotidiano, além de contribuírem para a sua ordenação (MARCUSCHI, 2010). Outrossim, ancoram o trabalho pedagógico escolar devendo estar baseados no fenômeno da interação verbal (BAKHTIN, 2011), e neste caso, o cartaz evidencia a importância da proposta de um ensino voltado para as estratégias de mediação entre

professor-texto-aluno por promover as formas múltiplas de uso da língua para a interação humana na sociedade. Isso porque a adoção metodológica de uso dos gêneros textuais como o cartaz possibilita “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97), além de trazer a reflexão sobre o assunto posto no texto.

Ferrarezi Jr (2014) aponta que a escola atual vive uma crise do silenciamento, no qual está inserido principalmente o ensino da língua materna, uma vez que a educação ainda não privilegiou totalmente um ensino voltado para a reflexão tanto do professor em sua prática enquanto educador, como do aluno em questionar sobre o que é posto a ele. Apesar de a visão sobre o ensino de língua já ter sido modificada, metodologias que contemplam apenas a gramática normativa são ainda frequentes, explorando, assim, os materiais didáticos apenas para moldar o aluno sobre sinais de pontuação, tempos verbais, ortografia, ou seja, um estudo baseado na sistematização de regras a serem apreendidas.

Além disso, a priori, o estudo dos gêneros textuais na escola surgiu da necessidade de se entender em qual situação de uso da língua se encontra o texto, ou seja, em qual contexto está inserido, sua situação de produção e como o texto é recepcionado na sala de aula, uma vez que a escrita é direcionada, devendo estar explícito o seu real objetivo. Entretanto, o texto, mesmo com toda essa preocupação da instituição escola, é visto de forma isolada, sem um propósito que extrapole os muros da supramencionada agência reguladora do ensino. Sendo assim, tornou-se necessária a discussão da importância de se trabalhar com os gêneros textuais tendo em vista sua presença no meio social e como através deles o alunado pode aplicar seus conhecimentos de mundo, tornando-se seres mais letrados.

A ideia preconizada pela escola ao longo do tempo pode ser desconstruída a partir do que afirma Coscarelli (2007, p. 81) ao mostrar como deve ser esse ensino:

[...] Defendemos idéia do trabalho com gêneros textuais e, por isso mesmo, estamos preocupados em fazer com que ela não seja mal compreendida. Não podemos entender que agora vamos ensinar nossos alunos a ler e produzir diferentes gêneros textuais fora de qualquer situação comunicativa. Gênero não deve ser matéria a ser dada ou conteúdo a ser cumprido. Nossos alunos não precisam ficar classificando textos em gêneros nem saber de cor as características de todos os gêneros textuais – isso nem seria possível, dada a quantidade imensa de gêneros textuais existente e a grande variação que há em cada gênero.

A idéia de trabalhar com os gêneros na escola surgiu da necessidade de trazermos o contexto, ou seja, a situação de produção e recepção daquele texto, para a sala de aula. Quem escreve precisa saber para quem está escrevendo, o que quer dizer e com que objetivo está escrevendo. Muitas vezes, entender um texto isoladamente, julgar a qualidade do texto fora do contexto em que ele foi produzido e da situação na qual ele será lido é quase impossível.

Nesse sentido, o ensino e aprendizagem hoje está substanciado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) os quais propõem para a efetivação do fazer pedagógico a utilização dos gêneros textuais como ferramentas fundamentais no trabalho a ser desempenhado em sala de aula. Essa modificação sistêmica do educar-aprender, a qual anteriormente era fundamentada na apreensão de normas da gramática normativa (BRASIL, 2000), deve ressaltar a relevância dos gêneros textuais para o aprendizado da língua materna.

Dessa forma, ao se tratar de ensino de língua pautado na criticidade do que é lido - desenvolvendo a competência leitora -, na reflexão e cosmovisão do alunado, chega-se a noção de letramento social do cidadão, o qual conduz a ampliação dos saberes vivenciais, sejam eles orais e/ou escritos que compõem o léxico do aluno. Assim, Gomes (2012, p. 87-88) aponta para a importância do letramento relacionando-o a utilização dos gêneros textuais no processo de ensino e aprendizagem:

O novo conceito é o ensino de língua para o letramento para empoderamento e inclusão social, por meio de práticas de linguagem que se insiram no contexto de sua realidade social e cultural. Para isso, a escola não se pode restringir à palavra escrita nem se filiar aos padrões socioculturais hegemônicos (Brasil, 2006, p. 28). Através de apresentação aos alunos de diversos gêneros textuais, falados e escritos, e da prática de reflexão sobre a linguagem em seus elementos estruturais e discursivos, o professor estará contribuindo para a formação de um **cidadão**. (grifos no original)

Diante da discussão sobre o ensino de língua baseado na utilização de gêneros textuais na produção e prática dos mais diversos textos, deve-se pensar na linguagem como ação social (BAKHTIN, 2011), uma abordagem evidenciada nos PCN's ao tratar do desenvolvimento intelectual do educando tendo como enfoque práticas sociointeracionais as quais vão instrumentalizar o uso da língua no contexto social. Sendo assim, a escola precisa direcionar seus alunos através da leitura e escrita de textos veiculados em diversos gêneros textuais não só visando a apreensão do conteúdo, mas a criticidade e reflexão, além da sua

participação nas discussões para que dessa forma possam usufruir com plenitude de sua cidadania.

3 Gêneros Textuais e Letramento: Eixos Integradores no Processo de Ensino e Aprendizagem

Tem sido frequente nos estudos na área de linguagem a referência direta à relação entre gêneros textuais e letramento (BAZERMAN, 2007) como forma de promover uma integração entre os “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 262) e as múltiplas formas de uso da língua nas esferas sociais, o letramento, considerando-se a dimensão social da escrita na sociedade atual e desse modo buscar a promoção de ensino que promova e potencialize os sujeitos a lerem criticamente o mundo, uma vez que se vive em uma sociedade grafocêntrica, cada vez mais organizada em torno de práticas efetivas de leitura e escrita, de modo que se ampliou também a noção de letramento, no singular; e propõem-se letramentos (STREET, 2003a; 2003b; 2014), no plural, em virtude das múltiplas práticas sociais de escrita com as quais o sujeito se envolve.

Essa questão remete ao papel da escola na responsabilidade de mediar situações de ensino e aprendizagem de modo que integre as competências do ler e escrever criticamente a partir da utilização de diferentes gêneros textuais como formas dinâmicas e expressivas de organizar os discursos letrados na sociedade. Ao sistematizar um ensino desta forma, a escola estará viabilizando um encontro de aprendizagem entre o sujeito aprendente (aluno) e as formas variadas de organização dos textos / discursos (gêneros) nas esferas sociais letradas, uma vez que segundo Kleiman (2005, p. 21):

O letramento abrange o processo de desenvolvimento e o uso dos sistemas da escrita nas sociedades, ou seja, o desenvolvimento histórico da escrita refletindo outras mudanças sociais e tecnológicas, como a alfabetização universal, a democratização do ensino, o acesso a fontes aparentemente ilimitadas de papel, o surgimento da Internet.

Ao considerar essa concepção de letramento, a autora aponta para as mudanças sociais veiculadas pela escrita, dentre elas o acesso universal à alfabetização, à

democratização do ensino, dentre outras, que pontuam o papel da escola na organização de propostas pedagógicas na perspectiva do letramento, garantindo aos educandos, a apropriação das variadas formas de uso e reflexão sobre a linguagem em diferentes contextos de participação e inserção social, por meio de uma concepção pedagógica baseada em uma pedagogia dos gêneros textuais. Ainda de acordo com a autora (2001), as diversas atividades desenvolvidas pela escola devem intencionalizar uma formação letrada do sujeito, com vistas à redimensão de seus papéis e atuação na sociedade, oportunizando-lhe criticidade e dinamismo no reconhecimento das diversas formas de interação com a língua, tendo em vista que a instituição escola, responsável pela sistematização do saber, tem a função de promover ao educando situações de acesso à leitura e escrita de maneira formal, institucionalizada e apoiada na complexidade organizacional das formas de escrita na sociedade letrada.

Imersos em uma cultura letrada, as necessidades sociais exigem indivíduos cada vez mais competentes, que respondam com eficiência às tecnologias modernas da leitura e da escrita, ou seja, pessoas letradas, que não apenas reproduzam modelos prontos pré-estabelecidos por uma cultura dominante, mas que interajam com estas tecnologias da atualidade, discernindo e agindo conscientemente quando estas tecnologias interferirem no seu dia-a-dia, considerando-se que “as formas de participação letrada moldam nossa atenção e pensamento em maneiras ainda mais profundas que aquela primeiramente proposta acerca das conseqüências cognitivas do letramento” (BAZERMAN, 2007, p. 14)

Deste modo, o autor aponta para “o papel de gêneros na estruturação de situações, relações e ações sociais” (2007, p. 19), e diante disso ele aponta para uma compreensão de gêneros e de letramento, que mutuamente complementam-se e tornam evidentes suas recíprocas relações teórico-conceituais, além de interferirem no processo de ensino e aprendizagem:

Podemos chegar a uma compreensão mais profunda de gêneros se os compreendermos como *fenômenos de reconhecimento psicossocial* que são parte de processos de atividades socialmente organizadas. Gêneros são tão-somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam. Isto é, são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre os modos como elas os realizam. Gêneros emergem nos processos sociais em que pessoas tentam compreender umas às outras

suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos. (BAZERMAN, 2011, p. 32) (grifos do autor)

O letramento é parte constitutiva de uma matriz de formações culturais e sociais complexas da sociedade moderna com a qual respondemos a instituições, crenças, grupos de pessoas localizados longe de nossa vida diária e que englobam muito mais pessoas do que se pode imaginar. (BAZERMAN, 2007, p. 21)

Deste modo, a escola constitui-se como uma agência de letramento, sendo, portanto, convocada a construir um currículo que atenda as necessidades de aprendizagem dos alunos e ao mesmo tempo esteja de acordo com uma base curricular nacional comum, que promova habilidades diversas “em práticas sociais de escrita” (SOARES, 2001, p. 105) – o letramento -, para que os alunos possam ter uma atuação coerente e participativa nas questões de ordem social e política. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da Língua Portuguesa contemplam o papel dos gêneros na mediação do ensino e aprendizagem, uma vez que para

[...] aprender a pensar e a falar sobre a própria linguagem, realizar uma atividade de natureza reflexiva, uma atividade de análise linguística supõe o planejamento de situações didáticas que possibilitem a reflexão não apenas sobre os diferentes recursos expressivos utilizados pelo autor do texto, mas também sobre a forma pelos quais tais recursos refletem as condições de produção do discurso e as restrições impostas pelo gênero e pelo suporte (PCN-EF, 2000, p 27-28).

No mesmo entendimento, ao tratar da relação entre gêneros textuais e ensino, Marcuschi (2010, p. 34) aponta:

Tendo em vista que todos os textos se manifestam sempre num ou noutro gênero textual, um maior conhecimento do funcionamento dos gêneros textuais é importante tanto para a produção como para a compreensão. Em certo sentido, é esta ideia básica que se acha no centro dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), quando sugerem que o trabalho com o texto deve ser feito na base dos gêneros, sejam eles orais ou escritos.

Dito isto, parte-se para uma discussão acerca do gênero textual cartaz, elegendo sua importância e possibilidades de estratégias pedagógicas que levem o aluno a ter condições de ler e escrever criticamente, realizando desse modo o letramento social, considerando as

especificidades desse gênero e as condições socioculturais de circulação e produção de sentido por ele veiculado no espaço escolar e no ensino da língua materna.

4 O Gênero Textual Cartaz no Letramento Social do Aluno

O eixo das representações teóricas apontadas neste estudo discute a necessidade de utilização dos gêneros textuais na sala de aula. Para Bakhtin (2011, p. 262), “a riqueza e a variedade de gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana”. Desse modo, considerando-se sua imensa variedade axiológica, destaca-se o cartaz, como expressivo instrumento de comunicação, interação e organização dos textos nas esferas sociais. Em um conceito dicionarizado, em verbete, acerca dos gêneros, Costa (2009, p. 57) o define como gênero publicitário, assim expresso:

CARTAZ (v. BÂNER, *BANNER*, LETREIRO, PAINEL, PLACA, *OUTDOOR*): anúncio (v.) ou aviso (v.) de dimensões variadas, muitas vezes ilustrado com desenhos ou com fotografias, apropriado para ser afixado em lugares públicos. Apresenta coerções genéricas semelhantes às de um outdoor (v.), porém, geralmente, é de dimensão menor. (grifos no original)

Observa-se, assim, que o gênero supracitado traz uma linguagem específica que tem como objetivo não só a exposição imagética, distinguindo-se das demais imagens presentes em outros gêneros textuais, mas visa também chamar a atenção de quem passa no local para o conteúdo a ser explanado. Fica, então, evidente a importância do cartaz no cotidiano, por explorar assuntos que permeiam a sociedade pós-moderna, além de divulgar uma nova forma de ver o que está em questão.

Um estudo acerca dos cartazes na Primeira República (século XX), de quando se evidencia o seu surgimento na sociedade, aponta para algumas de suas características que se mantêm até hoje e que podem ser ilustradas neste estudo. Nas palavras de Samara; Baptista (2010):

O cartaz é, por definição, um objecto afixável, isto é, concebido para ser colado ou aposto por qualquer outra forma a uma superfície vertical, a partir da qual seja capaz de atrair o olhar distraído de um transeunte. (p. 9)

Os cartazes estendem o alcance das notícias, debates e tomadas de posição oriundas das páginas da imprensa às paredes da cidade, onde [podem] ser vistos, lidos e comentados ainda por mais pessoas. (p. 12)

Os cartazes fazem parte desta vivência política intensa da rua, coexistindo com outras formas de comunicação mais simples e mais efêmeras, como a inscrição de frases, *slogans* e sinais nas paredes. (p. 13)

Conforme este entendimento analisa-se a seguir alguns cartazes e seus principais elementos constitutivos da forma e conteúdo do gênero, apontando-o como possibilidade de construção de práticas pedagógicas em sala de aula, no desenvolvimento e formação crítica do aluno, considerando os contextos e as práticas de letramento a que estes estão vinculados em suas práticas sociais.

4.1 ANÁLISE DOS CORPUS

Os cartazes a serem analisados estão pautados em contextos histórico-ideológicos diferentes que justificam a propagação do levante popular no final do primeiro semestre do ano de 2013. Os textos escolhidos estão substantiados em denúncias contra a corrupção e a falta de investimentos em instâncias sociais responsáveis pelo desenvolvimento do país, como educação, saúde, transporte e segurança pública. Assim, apresentam-se os cartazes que constituem o *corpus* do estudo, sobre os quais serão tecidas as possíveis análises:



Figura 1. CARTAZ 1

FONTE: < <http://www.robsonpiresxerife.com/blog/wp-content/uploads/2013/06/manifesto-BR.ipa> >.



Figura 2. CARTAZ 2

FONTE: < http://1.bp.blogspot.com/-82z6UCteSDK/UddFwKkg-JI/AAAAAAAAAAGQ/zUqY8v4TCv0/s1600/942009_487339477998750_493029886_n.jpg >.



Figura 3. CARTAZ 3

FONTE: < http://1.bp.blogspot.com/-iirwNn61kxQ/UcDqCcEnTQI/AAAAAAAAAEel/NtyDorqqfHo/s1600/tem_tanta_coisa_errada_que_nao_cabe_em_um_cartaz.jpg >.



São Paulo, SP - Na Zona Sul, na região do M'Boi Mirim, há 2 mil manifestantes em frente à subprefeitura do bairro. Eles ocuparam totalmente a Estrada do M'Boi Mirim (19/06/2013).

Figura 4. CARTAZ 4

FONTE: < <http://w.gasperri.blog.uol.com.br/images/enfia-no-sus001.jpg> >.

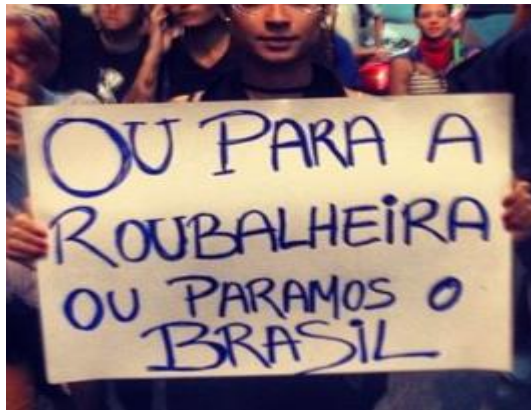


Figura 5. CARTAZ 5

FONTE: < <http://blogs.odiario.com/inforgospel/wp-content/uploads/sites/6/2013/06/cenas-do-protestos-brasil-junho-2013.png> >.

As imagens mostram o discurso dos sujeitos representados pelo Movimento Passe Livre e por outros sujeitos não-categorizados em grupos específicos, mas que compartilham da mesma ideia: o direito de participar das decisões que dizem respeito ao futuro do país, questões estas que podem e devem ser levadas para a sala de aula. O professor, independente da disciplina que ministra, precisa promover esse encontro entre os acontecimentos político-social-econômico-cultural e o currículo de ensino da instituição escolar, de modo que promova assim o letramento social dos alunos, na medida em que estes poderão assumir um posicionamento proativo frente aos dilemas vivenciados no contexto ao qual fazem parte.

Dessa forma, observa-se a constituição de imagem e texto do cartaz 1, o qual elucida sobre a possível mudança social provocada pelos manifestantes ao dizerem “Desculpe o transtorno. Estamos mudando o Brasil.”. Nela, os idealizadores do manifesto induzem o leitor a fazer uma reflexão sobre os problemas existentes no país, bem como o convida a ter um olhar mais atento para entender o porquê da realização do movimento popular, julgando-o necessário para transformar o país de forma positiva. Dessa forma, cabe ao professor o papel de instigar o público leitor, no caso os alunos, a compreenderem as intenções do texto posto no cartaz, bem como a refletir sobre os ideais de luta destes no presente momento.

No cartaz 1 nota-se uma relação interdiscursiva, ou seja, do discurso presente no cartaz com outros que podem ser ativados ao proferirem a frase: “Desculpe o transtorno. Estamos mudando o Brasil.”, uma vez que os manifestantes do levante popular a priori foram estigmatizados pela mídia e pela população em geral devido à ocupação de ruas e avenidas para a realização do evento³, causando, assim, “transtorno” a quem trafegava na rua. A partir dessa abordagem, o professor deve em sala de aula conduzir os alunos a uma reflexão sobre a importância da realização das manifestações no país, e que através delas o Brasil pode reformular sua imagem no contexto internacional, além de dar à população a possibilidade de viver condignamente.

O cartaz 2 possibilita ao leitor uma alusão à historicidade para que assim compreenda-o. Nele, fica clara a participação de pessoas idosas no evento como forma de apoio aos jovens idealizadores, uma vez que aqueles no final dos anos de 1960 protagonizaram levantes populares que visavam também o atendimento do governo aos reais problemas existentes no país. Esse discurso: “Os jovens de 1968 apoiam os jovens de 2013” está enraizado na história das manifestações populares no Brasil, período em que o país vivenciava a Ditadura Militar (de 1964 a 1985), época esta que deixou marcas e que serviu de inspirações para gerações futuras para que se sentissem engajadas e encorajadas para a sua realização, uma vez que a “voz do povo” foi atendida e que naquela época (anos de 1960), o povo conseguiu

³ Já que está se discutindo sobre possibilidade de trabalho pedagógico para o letramento social do aluno, podem-se caracterizar essas manifestações ou eventos como um **Projeto de Letramento**, uma vez que “Kleiman define os projetos de letramento como um conjunto de atividades genuínas e significativas cuja realização envolve a utilização da escrita, com objetivos que não se centram na sua aprendizagem de forma direta. Os projetos de letramento estão voltados para questões sociais mais amplas em que a escrita se insere e passa a ser aprendida ou apropriada com a participação efetiva da comunidade escolar” (MARTINS, 2012, p. 111)

derrubar o regime. Dessa forma, o professor traz à tona, a partir da discussão composicional do cartaz na relação entre imagem e texto, o conhecimento histórico essencial para o reconhecimento do alunado como cidadão e provoca a aprendizagem de forma a conciliar a abordagem histórica conteudista e a discussão de um assunto atual, ampliando a cosmovisão e o letramento do aluno por meio do gênero cartaz.

No terceiro cartaz, no texto: "Tem tanta coisa errada que nem cabe em um cartaz" é patente a revolta popular sobre a situação vivenciada pela população brasileira no que diz respeito aos vários problemas enfrentados, como a falta de educação de qualidade, saúde deficitária, veículos sem qualidade que cobram tarifas altas para o transporte dos cidadãos, a corrupção, além da falta de segurança e conseqüentemente, o aumento da criminalidade. Todos esses fatores são citados implicitamente no cartaz e mostra a necessidade de se conhecer as dificuldades enfrentadas no contexto social para que o discurso seja compreendido de maneira satisfatória pelos leitores.

Desse modo, o professor como mediador do conhecimento adquirido pelo aluno deve promover a elucidação desses fatores os quais condicionaram a elaboração do discurso no cartaz para que a partir disso, ao entender os propósitos comunicativos dos manifestantes, os alunos possam ser também partícipes dessa mudança que visa a transformação atitudinal dos representantes da cúpula governamental, já que os problemas que afetam a população são tantos "que nem cabe em um cartaz", como explicita ironicamente o texto.

Dentre os enfrentamentos sociais mais significativos do levante popular de 2013 destaca-se o que foi representado pelo discurso do cartaz 4: "Enfia os 0,20 centavos no SUS". Neste texto, alude-se a problemática da saúde pública no Brasil - potencializada no final dos anos de 1980 -, a qual apresenta-se como deficitária à população, uma vez que esta não é atendida de forma satisfatória em relação, por exemplo, a consultas, cirurgias, ou atendimentos de urgência. Essa realidade é compartilhada por milhões de brasileiros que, por não terem condições de pagar um atendimento particular, através de planos de saúde, necessitam do atendimento público oferecido pelo Estado. Contudo, o Sistema Único de Saúde (SUS) não atende a população, no geral, de forma significativa, o que provocou o surgimento das reivindicações.

Nesse contexto, cabe ao professor o papel de condutor da reflexão sobre a problemática instigando o aluno, inclusive, a tecer comentários relacionando sua situação e

a de milhões de brasileiros que vivenciam esse entrave, a partir da elaboração de uma metodologia baseada nas práticas sociais do alunado no tratamento da saúde, contribuindo, assim, para a ampliação dos conhecimentos de mundo do educando, a partir de um projeto de letramento.

No cartaz 5 evidencia-se o seguinte texto: “Ou para a roubalheira ou paramos o Brasil”, o qual faz uma relação interdiscursiva com a corrupção, especificamente ao evento conhecido como “Mensalão”, que repercutiu na prisão de políticos envolvidos no esquema na troca de favores de empreiteiras e representantes do Partido dos Trabalhadores (PT), bem como outros partidos. Este escândalo teve grande repercussão no ano de 2013 quando o ministro do Supremo Tribunal Federal, Joaquim Barbosa, e os demais ministros votaram a favor do enclausuramento dos acusados nas formas da lei.

No cartaz produzido, é notório, então, a reivindicação e revolta da população com a atuação governamental no que diz respeito ao direcionamento da verba pública, denunciando, assim, desvios de dinheiro. Com essa conduta, os manifestantes contestam sobre o problema alegando que a manutenção da situação vivenciada será responsável pela estagnação do Brasil, entendendo-se por estagnação setores como educação e o próprio trabalho, pois muitas escolas e comércios foram fechados logo antes do início do levante popular nas principais avenidas de capitais brasileiras, devido à desordem e ao número de pessoas que compareceram. Assim, é essencial que o professor, ao abordar os conteúdos em sala de aula, utilize-se desses cartazes, que trazem estas manifestações, possibilitando ao aluno a compreensão do fenômeno corrupção, para que ele possa atenuar seus conhecimentos sobre o assunto bem como sua visão crítica sobre o mundo.

Assim, a partir da exploração das estratégias de uso do gênero cartaz em sala de aula, as perspectivas de um ensino para o letramento social do aluno ganham dimensão na prática pedagógica do professor e em suas escolhas didáticas, priorizando metodologias e instrumentos de ensino que promovam um diálogo entre o mundo no qual o aluno está inserido e a realidade do currículo da escola, construindo assim um ensino para o letramento e a formação humana e crítica do cidadão.

5 Considerações Finais

O ensino da língua materna veiculado a utilização dos gêneros textuais no processo de letramento social do aluno emerge como uma resposta necessária a demanda dos novos contextos de ensino e de aprendizagem ao qual a escola da atualidade está inserida, em que os desafios de ensinar e de aprender tornam-se cada vez mais instigantes e complexos, o que requer que seja estabelecida uma relação de equilíbrio entre teoria e realidade social dos contextos de ensino, de modo que este não esteja desvinculado aos propósitos de formação para a cidadania e a inserção crítica no mundo letrado.

O professor, enquanto sujeito mediador de aprendizagens, precisa estar arguido de fundamentos teóricos que o possibilite lidar com os desafios da prática. É no equilíbrio entre esses lócus (teoria e prática), que se desvelam suas competências. Ser professor, nessa dimensão, é assumir a responsabilidade de saber lidar com diferentes estratégias e recursos que privilegiem um ensino dinâmico e interdisciplinar, como, por exemplo, a utilização do gênero textual cartaz, numa perspectiva articulada entre os saberes múltiplos do aluno, as propostas do currículo e a problematização das questões sociais a partir dos sentidos e possibilidades veiculadas pelo gênero.

No que se refere ao ensino de língua portuguesa, o professor deve reconhecer na sala de aula um campo de possibilidades para a exploração dos diversos gêneros textuais, aproximando-os aos conteúdos de ensino e a realidade dos alunos, que devem ser respeitadas e consideradas. As práticas de ensino devem ter significado e significância social para a vida do aluno, de modo que estes se sintam sujeitos de seu tempo, de suas histórias de vida e do próprio processo de ensino e aprendizagem, superando os desafios e as contradições do cotidiano.

A utilização do cartaz, como se propõe neste estudo, chama a atenção, portanto, para a necessidade da renovação das práticas de ensino da língua materna, por meio de uma pedagogia de gêneros, substituindo a precariedade da doutrina gramatical até então ensinada nas escolas, e adotando um ensino plural, para todos. A escola precisa flexibilizar suas atitudes no tratamento dos textos, desenvolvendo um ensino da língua de forma contextualizada, refletindo sobre as possibilidades de interação e diversidade cultural presentes nas manifestações linguísticas orais ou escritas que constituem as práticas letradas que fazem parte de seu cotidiano.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais: tipificação e interação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Escrita, gêneros e interação social**. São Paulo: Cortez, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: Secretaria da Educação Fundamental, 2000.

COSCARELLI, Carla Viana. A produção de gêneros textuais. **Veredas on line – Ensino – 2/2007**, P. 78-86 – PPG Linguística/UFJF – Juiz de Fora - ISSN 1982-2243. Disponível em: < http://www.uems.br/site/nehms/arquivos/53_2014-03-14_10-13-17.pdf >. Acesso em: 11/11/2014.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência francófona. In: _____. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 41-70.

FERRAREZI JR., Celso. **Pedagogia do silenciamento: a escola brasileira e o ensino de língua materna**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do ensino de Língua Portuguesa**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. 4. ed. São Paulo: Martins fontes, 1995.

KLEIMAN, Angela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

_____. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 15. ed. Campinas: Pontes, 2013.

_____. **Preciso ensinar o letramento? Não basta saber a ler e escrever?** Série Linguagem e letramento em foco. Linguagem nas series iniciais. Cefiel/IEL/Unicamp, 2005. Disponível em: < http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletras/biblioteca_professor/arquivos/5710.pdf >. Acesso em: 18/06/2014.

MARCUSCI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definições e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva et all. **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 19-38.

MARTINS, Maria Sílvia Cintra. **Letramento, Interdisciplinaridade e Multiculturalismo no Ensino Fundamental de nove anos**. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

SAMARA, Maria Alice; BAPTISTA, Tiago. **Os cartazes na primeira república**. Lisboa: Tinta-da-China, 2010. Disponível em: <
<http://www.tintadachina.pt/pdfs/a73dc9ef2f415d83356022906f43a991-inside.pdf>>. Acesso em: 11/11/2014.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2011.

STREET, Brian V. **Abordagens alternativas ao letramento e ao desenvolvimento**. Teleconferência Unesco Brasil sobre Letramento e Diversidade, outubro de 2003a.

_____. What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. **Current Issues in Comparative Education**. Columbia: Teachers College, Columbia University, vol. 5 (2), p. 77-91, 2003b. Disponível em: <
http://people.ufpr.br/~clarissa/pdfs/NewInLiteracy_Street.pdf> Acesso em: 18/06/2014.

_____. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento do desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.